



NÔ PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONE: 3713/3726/3728

B I S S A U

TROPAS DA RODÉSIA INVADEM UMA PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

LISBOA (AFP) — A Chitanga está situada a pouca distância da fronteira rodesiana e prosseguem os combates sem que se saiba ainda qual o número de vítimas, acrescenta a agência. Esta acusa o regime «ilegal e minoritário» de Salisbúria de querer internacionalizar o conflito «como último recurso face à pressão do povo do Zimbábue».

Madagascar:

Um ano de revolução



O Presidente Ratsiraka

ANTANANARIVO (AFP) — Toda a República Democrática de Madagascar festeja hoje o 1.º aniversário da Revolução Socialista Malgache (30 de Dezembro de 1975-30 de Dezembro de

1976) na meditação, austeridade e simplicidade.

O governo assim decidiu, por causa dos graves acontecimentos que enlutaram a cidade de Majunga mas também pelo facto de que um ano na vida de uma nação não representa grande coisa. Nenhuma manifestação festiva oficial está prevista para além de uma mensagem à nação que o chefe de Estado pronunciará pela rádio. Assim o dia 30 de Dezembro será consagrado em Madagascar por cada um à meditação sobre o que foi feito e sobre o que resta por fazer pela edificação de uma nova sociedade, socialista, mais justa e mais harmoniosa.

Sahara Ocidental:

"O Povo esta decidido a continuar a luta"

TRIPOLI (AFP) — Mohamed El Amine Ould Ahmed, Primeiro-Ministro da República Árabe Sahariana Democrática afirmou que o «povo árabe de Sakeit El Hamra e do Rio de Oro está decidido a prosseguir a luta pela independência e a afirmação da sua identidade política, social e económica» anunciou a terça-feira passada a agência da Revolução

Árabe (ARNA).

Evocando a situação sócio-económica do Sakeit El Hamra e do Rio de Oro, Ould Hamed sublinhou que o povo das duas regiões vive em boas condições e que a sua força, o seu progresso, sua prosperidade, fazem sentir-se cada vez mais. Sobretudo desde que ele fez a experiência da democracia popular e do poder, graças

ONU

Mensagem de Kurt Waldheim à comunidade mundial

NAÇÕES UNIDAS (TASS) — O Secretário-Geral da ONU, Kurt Waldheim enviou uma mensagem de novo ano à comunidade mundial convidando-a a fazer o possível para reforçar a paz e a segurança internacional. Ele sublinhou a necessidade urgente de apagar os focos de tensão que existem actualmente no mundo, nomeadamente no sul do continente africano.

Abordando a situação no Médio-Oriente, Kurt Waldheim pronunciou-se pelo regulamento global

do conflito nesta região, pela via negociada. Chegou o momento de fazer esforços sérios para retomar as negociações a fim de solucionar positiva e imediatamente o problema do Médio-Oriente, devido ao perigo de um novo conflito armado, indicou a mensagem. O Secretário-Geral das Nações Unidas pronunciou-se pelo estabelecimento de uma ordem internacional mais justa que responda aos interesses do progresso social e económico dos países em vias de desenvolvimento.

Africa do Sul:

A repressão provoca 86 mortos e 200 feridos

MAPUTO (TASS) — 86 pessoas mortas e mais de 200 feridas, tal é o balanço dos combates que se prosseguiram durante alguns dias no subúrbio africano do Cabo. Estes combates foram desencadeados após os provocadores da segurança racista terem querido impedir as manifestações fúnebres que foram organizadas durante as festas de Natal, para prestar homenagem às vítimas da repressão do regime de Vorster. Quando os provocadores não conseguiram os seus intentos, chamaram a polícia que disparou sobre os habitantes. Mais de 5 mil habitantes deixaram Nyanga, arredores do Cabo, para fugirem à repressão da polícia e no excesso dos provocadores que recrutaram entre os elementos marginais.

Entretanto, foram destacados importantes reforços da polícia para a cidade do Cabo, na quarta-feira de manhã, vindos de Pretória.

(VER MAIS NOTÍCIAS NA PÁGINA 7)

Agostinho Neto e Houari Boumedienne agradecem a Luiz Cabral

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, recebeu do camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, o seguinte telegrama de agradecimentos.

«Em nome do povo angolano, do Comité Central do MPLA e em meu nome pessoal, agradeço penhoradamente a vossa mensagem de felicitações, por ocasião da comemoração do vigésimo aniversário da fundação do MPLA. Por intermédio da sua prestigiosa figura de combatente e patriota, reafirmamos ao vosso povo e ao vosso glorioso Partido, o PAIGC, a nossa determinação de estreitar cada vez mais os laços forjados na nossa luta comum e formulamos votos de vitórias constantes na reconstrução nacional do vosso país e na eliminação total dos vestígios do colonialismo. Formulamos votos de saúde para o Presidente Luiz Cabral e de paz e prosperidade para o povo irmão da Guiné-Bissau».

É do seguinte teor o telegrama enviado ao camarada Luiz Cabral pelo Presidente Houari Boumedienne, da República Democrática e Popular da Argélia:

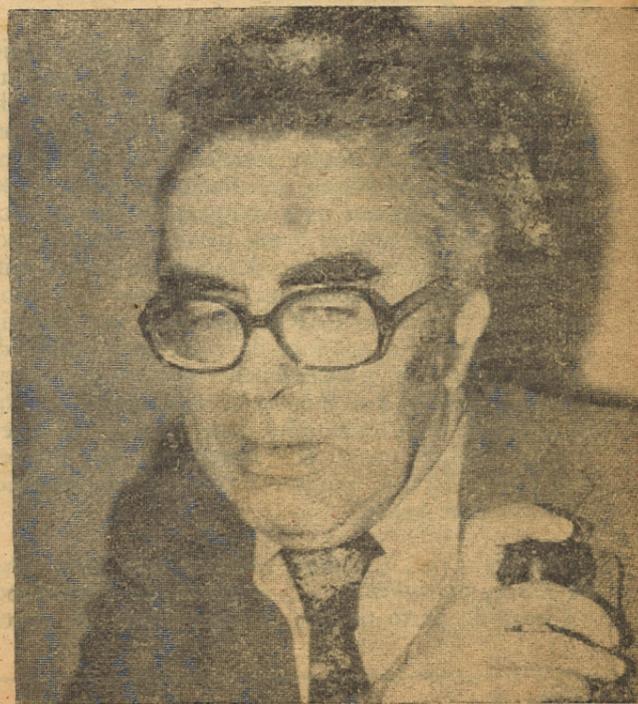
«Fiquei muito sensibilizado com a mensagem de felicitações e de votos que Vossa Excelência me endereçou por ocasião da minha eleição à Presidência da República Democrática e Popular de Argélia. Tenho a agradecer-vos vivamente por este testemunho de simpatia, assim como pelos nobres sentimentos expressos em atenção ao meu país. Estou convencido que os laços de solidariedade militante que unem os nossos dois países se reforçarão cada vez mais na luta comum que travam os nossos povos contra o colonialismo e o imperialismo. Gostaria de aproveitar esta ocasião para reafirmar, senhor Presidente e caro irmão, o engajamento da Argélia à consolidação da amizade e da cooperação com o povo irmão da Guiné-Bissau e renovar a Vossa Excelência a expressão da minha alta e fraternal consideração».

NO PINTCHA

Por ser feriado no próximo dia 1, «NÔ PINTCHA» não se publicará no sábado, voltando a surgir, numa edição especial, na próxima terça-feira.

Mario Murteira em Bissau

(Pag 2)



(Continua na página 7)

Para quem é o lucro?

Camarada Director, mais uma carta minha para os leitores do NÔ PINTCHA. Não contava escrever por ora, mas o que constatei acho que não pode ficar guardado por mais tempo em segredo. É preciso dar conhecimento disso às entidades competentes, pois só assim é possível tomarem medidas justas e tendentes a pôr fim a actos desses, que mais não são do que uma tentativa de prejudicar o bom andamento dos nossos trabalhos. Pois, camarada Director, se eu não tivesse a certeza da veracidade deste facto não escreveria esta carta. É que ninguém acreditava, pelo menos eu, que hajam pessoas capazes de praticar tal acto, principalmente num estabelecimento de Estado, como os Armazéns do Povo. Mas, infelizmente, isso acontece e ainda há dias uma camarada chamou a atenção sobre a prática de preços naquele estabelecimento.

Mas agora vamos ao facto. Há tempos, numa altura em que o leite em Bissau era «ouro», principalmente do tipo enlatado, os Armazéns do Povo vendiam-no a 78 pesos o quilo, em sacos de meio e um quilo. Como não havia outro, as pessoas contentavam-se com aquele, apesar de oferecer pouca garantia para a saúde das crianças.

Mas tal não era a preocupação dos empregados da antiga Cooperativa, actualmente integrada nos Armazéns do Povo, e quem sabe se são só eles. Pois ali, vendo a procura do leite aumentar, resolveram misturá-lo com um outro tipo de inferior qualidade e de muito mau gosto, que vendem a 45 pesos o quilo, se não estou em erro, pois eu nunca cheguei a comprar desse leite, devido à sua má qualidade. Qual é a intenção desses empregados? Servir os interesses do Estado, angariando mais fundos para a empresa ou servir os seus interesses pessoais?

Aposto mais na segunda hipótese, porque ninguém me convence de que essa diferença entre para a caixa. Só é pena porque, além de atentarem contra a vida dos nossos filhos, o que é desumano, põem em causa os objectivos dos Armazéns do Povo, uma arma criada nos momentos mais difíceis da luta e que tão bem souberam cumprir o seu papel de servir o povo. Mas eu pergunto. Essas pessoas, agindo desse modo, conseguem identificar-se com o povo ou ainda merecem ser consideradas cidadãos de um país como o nosso? Camaradas, é preciso estar sempre alerta e desmascarar esses parasitas da sociedade, que em mais não pensam do que encher os seus bolsos, à custa do suor do nosso povo. Temos o direito e a obrigação de os acusar perante o povo e às autoridades porque só assim estaremos a contribuir para a causa da reconstrução nacional e para a criação de uma sociedade livre de qualquer tipo de exploração.

ANA M. SILVA

Luiz Cabral sauda o Congresso da U. P. S.

O Presidente Luiz Cabral enviou ao Secretário-Geral da União Progressista Senegalesa e Presidente da República, Leopold Sedar Senghor, o seguinte telegrama:

«O Congresso Extraordinário da União Progressista Senegalesa, que se reúne sob o signo da clarificação e do reajustamento da sua estratégia, oferece-me um particular prazer, em nome dos militantes e da Direcção Nacional do Partido Africano para a Independência

da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde, de vos enviar, assim como a todos os congressistas, as nossas calorosas e fraternais felicitações. Este congresso que marcará a vida política, económica e social do povo senegalês, empenhado na via da construção de uma nova sociedade, ficará inscrita na história da Internacional Socialista à qual o vosso Partido acaba de aderir. Seguimos com o maior interesse o vosso congresso que, estamos seguros disso, contribuirá grandemente para a libertação do homem de toda a for-

ma de alienação, objectivo pelo qual o UPS e o PAIGC estão sempre identificados. Renovando a Vossa Excelência a nossa determinação de reforçar e de desenvolver cada dia mais os laços de boa vizinhança entre os nossos dois povos na base do tratado de amizade e de cooperação assinado entre os nossos dois governos em Dakar, aproveitamos a ocasião para formular os melhores votos de sucessos no trabalho do vosso importante congresso. Mais alta e fraternal consideração.

Sadate felicita Luiz Cabral

O Presidente da República Árabe do Egipto, Mohamed Anouar El Sadate, enviou ao camarada Presidente Luiz Cabral um telegrama de felicitações em que afirma:

«Por ocasião do Natal e do Novo Ano, sinto-me contente em exprimir-vos as minhas cordiais felicitações e os melhores votos de saúde e felicidade para Vossa Excelência, formulando o desejo de que o ano de 1977 seja um ano de abundância, de paz e de bem-estar para todos os povos. Aproveito esta oportunidade para desejar ao vosso povo irmão maiores progressos e prosperidade».

Mário Murteira estuda meios de cooperação com o nosso governo

O antigo ministro do Planeamento e Coordenação Económica no IV e V Governos provisórios de Portugal, dr. Mário Murteira, chegou ontem ao nosso país para contactos com o Comissariado de Estado de Planeamento Económico e Desenvolvimento. Durante a sua estadia estudará as possibilidades da vinda de uma equipa, não governamental, de economistas portugueses por ele dirigida, para trabalharem num plano de desenvolvimento do nosso país.

Mário Murteira, que já fora ministro de Assuntos Sociais, no I Governo, tinha negociado anteriormente a vinda desta missão que deverá trabalhar aqui durante um período de seis meses. Ele deverá permanecer 15 dias, nesta sua primeira deslocação à Guiné-Bissau. «A vinda de missões técnicas da nossa equipa dependerá exactamente dos contactos que eu venho agora estabelecer com os responsáveis do vosso Governo» — disse o dr. Murteira. «A minha opinião sobre

os primeiros contactos — disse mais adiante — foi estimulante, porque verifico que toda uma série de iniciativas foram lançadas e estão a crescer, num Estado tornado recentemente independente. Relativamente a todas essas iniciativas que são um desafio, não só para o povo da Guiné-Bissau, mas também para todos aqueles que, em Portugal, tal como a nossa equipa, estão interessados num progresso social e no avanço de todas as forças que lutam contra o impe-

rialismo. A nossa intenção é, na medida das nossas possibilidades, dar uma ajuda neste sentido».

Publicaremos numa das próximas edições, uma entrevista detalhada com o dr. Mário Murteira, sobre a sua missão no país e alguns aspectos da vida política em Portugal.

Liceu: aulas em Janeiro Chegou o primeiro grupo de cooperantes

Chegaram ontem ao país, 11 professores cooperantes portugueses para o ensino secundário da Guiné-Bissau. Prevê-se para os próximos 15 dias a chegada dos restantes elementos que fazem parte do grupo de 100 docentes seleccionados para darem início às aulas liceais e técnicas, no próximo mês de Janeiro.

Comissao Administrativa da Caixa Sindical discute planos para o novo ano

O camarada José Pereira, do CSL do Partido, Secretário-Geral da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau e Presidente da Comissão Administrativa da Caixa Sindical de Previdência,

presidiu no passado dia 27 a mais uma sessão ordinária daquela Comissão, durante a qual foram analisados, dentre outros, problemas relacionados com a nova estrutura da Caixa

e ao orçamento para o ano de 1977, de acordo com a nova orientação a dotar àquele Organismo. Assistiram à reunião todos os membros da Comissão.

RESPONDE O POVO**O que pensa dos resultados das eleições?**

Terminaram as eleições para os conselhos regionais. Cerca de 170 mil eleitores participaram no acto, votando livre e democraticamente para a escolha dos seus representantes. Este número, à primeira vista, pode parecer muito pouco, atendendo ao total de habitantes da Guiné-Bissau, calculado em cerca de 800 mil. Mas se fizermos uma comparação com a época colonial em que apenas 5 mil pessoas tinham a possibilidade de votar e se considerarmos os 81 por cento de votos positivos apurados, concluímos que isso é mais uma vitória do PAIGC, portanto, um incentivo para prosseguir a sua luta de consciencialização das massas populares, principalmente dos antigos centros urbanos, sujeitos à influência de dominação para que o resultado verificado não fosse melhor. O que é que o público pensa dos resultados das eleições? «NÔ PINTCHA» inquiriu e três pessoas responderam como se segue:

Aurêlio Cruz, 49 anos de idade, marinheiro: — «Apesar de parte da população não estar ainda a altura de compreender a necessidade da partici-

pação total, a percentagem final dos «sim» foi superior, em grande escala, à dos «não». Pois está claro que se a população tivesse mais consciência política, ou se se aguardasse para mais alguns anos, os votos positivos chegariam aos 100 por cento. Isso porque se repararmos bem, entre os candidatos escolhidos, a maioria são verdadeiros militantes do Partido. Aquele Partido cujo Governo nós conhecemos a sua posição justa. Portanto, eu acho que a lista deveria ter mais apoio nesse sentido. Aliás, foi

uma grande vitória para o nosso povo».

Zaino Hajezi, 50 anos de idade, funcionário dos Armazéns do Povo, em Tite: — «O primeiro facto que torna positivo o acto eleitoral e os resultados obtidos, é por ele se ter realizado quando o país ainda jovem, nos seus dois anos de liberdade. Até deu vantagens para que cada um de nós, consciente, mostrasse livremente aquilo que sabe. Eu já esperava um resultado bom como veio a acontecer e, talvez, melhor ainda. Aqueles que não foram às urnas, não

sei como considerá-los. Talvez não tiveram interesse em participar, devido a uma certa irresponsabilidade, o que faz entender que a sua consciência ainda não está liberta. Para o futuro, penso que a coisa será melhor, pois haverá mais gente com consciência clara, e sobretudo muitos jovens atingirão a idade de votar. Teremos assim, proporções cada vez maiores em relação àqueles que não participaram».

José Sanhá, 20 anos de idade, FARP: — «Os resultados foram bastante bons. As eleições correram

da melhor maneira em todo o país. As pessoas que votaram, «sim», mostraram que têm na sua consciência qualquer coisa de positivo feito pelo nosso Governo. A participação dessas pessoas estimula a vontade dos candidatos escolhidos e até dos nossos dirigentes, no prosseguimento do seu trabalho. Para aqueles que nem quiseram ir às urnas, talvez a influência colonial ainda pese sobre eles. Mas com o tempo, isto poderá melhorar, pois nós estamos sempre a marchar com o nosso trabalho, de acordo com a evolução dos factos».

Comissão de Saneamento desenvolve actividades nas Ilhas

★ Lançadas as bases de estruturação das comissões de Acção Social

Pela importância que reveste o saneamento do meio ambiente, com vista à eliminação de todos os possíveis focos de doença, em Cabo Verde, apresentamos as declarações de dois membros da Comissão de Saneamento da cidade da Praia ao «Voz Di Povo»: Cândido Santana, da CNCV e Alice Ribeiro, respectivamente representante do Partido e Presidente da referida Comissão.

VOZ DI POVO — Qual é, em seu entender, a colaboração a ser dada à Comissão de Saneamento da Praia pelas estruturas de base do Partido?

CÂNDIDO SANTANA — Para sermos breves, vamos apenas citar alguns aspectos por exemplo na sensibilização e esclarecimento da população, em estreita ligação com as Comissões de Assuntos Sociais e a informação, de forma a «despertá-la» para o problema da saúde ao mesmo tempo que se procura esclarecê-la sobre as formas de combate à doença; na mobilização e participação dessa mesma população nos trabalhos de limpeza e outros inerentes à campanha de saneamento do meio. Durante estes trabalhos os nossos militantes de longe deverão ser os mais activos cumpridores, embora esse trabalho deva ser de equipa.

Sendo elementos conhecedores das realidades locais, têm papel importante no fornecimento de informações úteis, como a localização das zonas mais atingidas pela porcaria, locais para a abertura de fossas, valas, etc.

FRACA PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NOS TRABALHOS

V.P. — Como considera a participação da população nos trabalhos de saneamento do seu bairro?

C.S. — A participação da população tem sido, na sua generalidade, fraca, embora se tenha processado de forma diferente ao longo da campanha, passando da quase hostilidade para alguma participação já na fase final.

V.P. — Como explica tais resultados?

C.S. — Para nós as razões fundamentais são:

A ignorância fruto do baixo nível cultural da população, que não permite entender em toda a sua amplitude as consequências de certas doen-

ças e o alcance das medidas a tomar que, em última análise, beneficiam fundamentalmente as camadas mais pobres, e menos protegidas no aspecto sanitário;

A inércia, o «deixa andar» generalizado, aliado à ideia de que tudo deve vir de «cima» (Estado ou do Partido);

A insuficiência do trabalho político que se faz sentir precisamente no combate a essa ignorância e a essa inércia;

Contribuíram ainda para tais resultados alguns erros praticados no início da campanha (lembramos-nos da forma como se mataram alguns cães), o que provocou alguma desmobilização.

Estamos convencidos, no entanto, que os 3 primeiros pontos são os determinantes.

É MUITO IMPORTANTE EXISTIR UM TRABALHO COORDENADO

VOZ DI POVO — Os resultados práticos da actual campanha de saneamento parecem satisfatórios. O que foi decisivo para tais resultados?

ALICE RIBEIRO — Por um lado, a decisão de todos os organismos interessados no processo em darem o máximo nessa altura para que as medidas de saneamento propostas, fossem levadas a cabo com êxito; ainda as campanhas de esclarecimento feitas através dos órgãos de informação e através de brigadas do pessoal de saúde; as campanhas de vacinação levadas a cabo pelo Ministério de Saúde; as campanhas de limpeza efectuadas por elementos das FARP, e da POP e que muito contribuíram para despertar a consciência de grande parte da população para a existência dum situação de emergência e para a necessidade de a combater.

V. P. — Quais foram as principais dificuldades com que deparou a campanha de saneamento.

A. R. — A falta de estruturas sanitárias nos subúrbios, que dificulta bastante um trabalho de saneamento, acrescido da ignorância da maioria da população, a qual se encontrava por assim dizer, sem armas para lutar contra a situação, dado não ser capaz de um mínimo de análise da situação e

de propor soluções práticas. Daí talvez a fraca participação da mesma nas campanhas de limpeza levadas a efeito em alguns subúrbios, muito embora para isso também tenham contribuído uma certa descoordenação na realização dessas campanhas e alguns erros cometidos a nível da Comissão de Saneamento, quando a partir de certa altura foi encarregada de pôr em prática medidas de saneamento do ambiente.

V.P. — As características de higiene dos subúrbios da nossa capital são características da miséria. Mas há todo um trabalho de educação sanitária a ser feito. Da sua experiência como médica e como Presidente da Comissão de Saneamento, por onde deve começar esse trabalho de educação sanitária?

A.R. — É muito difícil pegar-lhe por uma ponta e dizer que deve começar por aí. Penso que há todo um conjunto de elementos que devem actuar interligadamente, para que essa educação sanitária, tão necessária, dê os seus frutos. Dentre eles considero como mais importantes:

- uma racionalização dos serviços hospitalares de modo a permitir que a medicina de tipo curativa que actualmente se pratica, seja também preventiva;
- um combate eficaz à ignorância que infelizmente é um mal que atinge a maioria da população (em particular a adulta) que habita nos subúrbios.
- uma capacidade de organizar e mobilizar essas pessoas a fim de lhes permitir resolver colectivamente os seus problemas, mediante uma consciência clara da existência dos mesmos e da melhor forma de os resolver.
- um esforço das entidades responsáveis, no sentido de solucionar os problemas resultantes da inexistência de infraestruturas sanitárias nos subúrbios, primeiro com soluções mais ou menos de emergência como sejam, a abertura de valas

para lixo sempre que necessário, a construção de sanitários, de pocilgas, de fontanários, etc. Sem esquecer que num futuro mais ou menos próximo, será indispensável pensar em medidas de saneamento básico como sejam rede de esgotos, rede de abastecimento de água, recolha de lixo, melhoria de habitação, etc., etc.

ADOPTAR NOVOS MOLDES DE FUNCIONAMENTO

V.P. — Acha que o Ministério da Saúde tem, neste momento estruturas capazes para fazer eficazmente tal trabalho?

Que tipo de instituição poderia ajudar?

A. R. — Pelo que disse antes, parece-me que ficou claro, que o Ministério de Saúde sozinho, nada ou muito pouco poderá fazer.

Está-se a tentar neste momento, a nível dos hospitais, novos moldes de funcionamento, que têm por fim essencialmente a tal racionalização prevista anteriormente. Só o tempo e a boa vontade dos trabalhadores de saúde, poderão dizer da sua eficácia ou não. Para além disso sei que a nível dos assuntos sociais estão lançadas as bases de estruturação das comissões de Acção Social (que em alguns subúrbios estão já a funcionar). Estas dadas o seu papel específico poderão e deverão dar o seu contributo para a educação sanitária das populações dos subúrbios, muito embora, neste momento e por razões várias, não estejam realizadas todas as condições, para o seu pleno rendimento. Penso que a esse respeito é muito importante existir um trabalho coordenado.

Comissão de Acção Social e Comités do Partido dos subúrbios, dadas as suas características de estruturas de base, compostas de elementos locais e portanto com um conhecimento mais ou menos profundo das suas realidades. Além das estruturas do Partido, acho que o Ministério da Educação também tem um papel importante na realização desse trabalho.



AMÍLCAR CABRAL

Estrutura social

«Aparte a questão da propriedade, a situação da mulher é um elemento de comparação muito importante. Entre os fulas, a mulher não goza de nenhum direito social; participa na produção mas não colhe os seus frutos. Por outro lado, a poligamia é uma instituição muito respeitada, sendo a mulher considerada, de forma, como proprietária»

Entre os Balantas temos uma sociedade de estratificação e lhos da tabanca pode tomar decisão. Para ele, deia, mas cada necessária à sua su os instrumentos à família quer de revelarem são, na sua lher particip do que produ privilegiada, excepto no qu de família pode detectar aqui un que a força de un sentada pelo número de trabalho.

Existe um grupo minoritário, formado por pequenos proprietários africanos, que constitui uma transição; esse grupo, de certa importância, revelou-se muito activo no âmbito da luta de libertação nacional.

A presença europeia é praticamente nula no campo.

Nas cidades, coabitam dois grupos distintos: É possível subdividir facilmente os primeiros de um lado, os europeus, do outro, os africanos, na medida em que conservam, de acordo, naturalmente, com as actividades que exercem entre nós, a estratificação social a que pertenciam em Portugal. Assim, no nível mais elevado, os altos funcionários e os directores de empresas constituem uma camada muito isolada do resto da própria população europeia. Vêm em seguida os funcionários médios, os pequenos comerciantes, os empregados de comércio e as profissões liberais. Por último, os operários qualificados.

Entre os africanos, há um primeiro grupo composto por funcionários superiores e médios e profissões liberais; depois, os pequenos funcionários, os empregados de comércio contratados (não confundir com os empregados de comércio sem contrato, que podem ser despedidos de um dia para o outro). Os pequenos proprietários agrícolas, chamados, por analogia, «pequena burguesia africana», situam-se igualmente ao nível desse grupo».

«... Angola é um país ameaçado pelo imperialismo, cercado, objecto de múltiplos «complots». É necessária a mobilização nacional. É preciso que todo o povo se aperceba da necessidade de defender o que foi conquistado com o preço de tantos esforços e sacrifícios», sublinhou Lúcio Lara, secretário do Bureau Político do MPLA, numa entrevista concedida à «África-Asie», por ocasião do aniversário da proclamação da independência de Angola.

«AFRIQUE-ASIE» — Entre a segunda guerra de libertação e a luta pela descolagem económica, Angola entrou numa fase de reestruturação. Como a caracteriza?

Lúcio Lara — «Não é fácil defini-la, dado a ausência de clareza de pontos de referência. Podemos dizer somente que conquistámos a independência e que, devido a um conjunto de circunstâncias, ela concorda com todos os programas que tínhamos elaborado desde a fundação do MPLA.

«A-A» — Em detalhe, quais são os pontos de concordância?

L.L. — A transformação do MPLA em partido deve ser de facto, seriamente aprofundada. Transformar o MPLA em partido significa na realidade o desaparecimento deste para dar lugar a um Partido. A questão que se põe é a de saber se, concretamente, na Angola de hoje, na República Popular, estão reunidas todas as condições que permitam a esse partido de vanguarda executar as múltiplas tarefas, porque o problema de classes em Angola não está ainda bem claro.

«A-A» — Em detalhe, quais são os pontos de concordância?

L.L. — Talvez fosse suficiente dizer que herdámos uma Angola composta de uma série de camadas de população tendo no momento caracteres de classe bem distintos. É um facto, por exemplo, que elementos que tinham assumido o modo de vida e de pensar da sociedade colonial, decidiram, vivendo a nossa experiência, no seio do nosso povo, trabalhando em comum, partilhando os mesmos ideais, tornaram-se angolanos, tomaram a nacionalidade angolana. Isso, se se quer estudar em profundidade a composição das classes da nossa sociedade, obriga-nos a uma reflexão.

É um facto igualmente, que muitos dos camponeses que participaram massivamente na luta de libertação nacional, não puderam, todavia, organizarem-se como classe, quer dizer, adquirir uma profunda consciência de classe.

Quanto à classe operária, numericamente minoritária, que não pôde participar na guerra de libertação nacional, há pouco tempo é que começou, como classe, a participar na luta de classes — durante a segunda guerra de libertação.

As camadas burguesas, enfim, a pequena burguesia, são muito diferenciadas, segundo as possibilidades económicas de cada grupo.

Todos esses factores tornam muito complexos a aproximação, a compreensão do problema das classes no nosso país. Pois, quando se fala da criação de um Partido, é preciso não perder de vista a realidade angolana de hoje, onde estamos sempre em luta, não só para a consolidação da independência, a reconstrução nacional, a realização do Partido, mas também contra as provocações, as infiltrações, os cúmplices

dos fantoches que cá ficaram e tentam travar a nossa acção, e não perder de vista, sobretudo, que no seio do MPLA, há co-habitação de classes.

«A-A» — Devido, durante as guerras, há necessidade de uma forte unidade nacional?

L.L. — É aí justamente o nó da questão. Se se cria um Partido de classe — e, quando falamos da criação de um Partido, trata-se necessariamente de um Partido da classe operária, de teoria marxista-leninista, sem que seja evidentemente excluída a participação de camponeses, intelectuais e pequenos-burgueses revolucionários — põe-se o problema de saber se se vai quebrar a unidade nacional de todas as camadas angolanas anti-imperialistas.

O Partido, ele, deve dar este salto qualitativo, deve filtrar os militantes para ser um Partido de vanguarda. Actualmente, é o MPLA que desempenha esse papel e não há nenhuma outra organização política que possa desempenhá-lo, preparando o terreno para esses saltos qualitativos. Ora, é correr o risco de se alienar o apoio de certas camadas e, por esta razão, penso que o MPLA deve viver ainda muito tempo.

«A-A» — Mas a criação de um partido não quer dizer a alienação sistemática de certas classes...

L.L. — Não necessariamente, sobretudo as que desempenham um



papel no movimento patriótico. Mas, de facto, certos patriotas que, hoje ainda, militam no MPLA, não poderiam militar num Partido. E nós, dado as condições actuais, não podemos dispensar os esforços de todos os patriotas para a reconstrução nacional e a defesa das nossas conquistas. Angola é um país ameaçado pelo imperialismo, cercado, objecto de múltiplos «complots». É necessária a mobilização nacional. É preciso que todo o povo se aperceba da necessidade de defender o que foi conquistado com o preço de tantos esforços e sacrifícios.

Para isso não é possível pensar só num Partido, um Partido de classe. É preciso enquadrar pessoas que, até hoje, apoiam o MPLA, crêem no MPLA, vibram com o MPLA em todo o país. Pessoas das quais certos, pela sua formação e crenças, não teriam lugar num partido operário, enquanto têm um no MPLA.

«A-A» — Há também organizações de massa.

Lucio Lara à r "O MPLA AINDA M

L-L — Certos camaradas pensam de facto que são as organizações de massa que podem enquadrar todas essas pessoas. Isto é importante em Angola: as pessoas têm o MPLA no coração, é uma espécie de bandeira e mesmo, para muitos, um feitiço, um mito. Na situação presente, onde toda a população não é capaz de apreender ainda a problemática angolana, no seu conjunto e a sua complexidade, temos, todavia, necessidade do seu entusiasmo, da sua confiança, da sua esperança no MPLA. Eis porque penso que, mesmo se for decidida a criação do Partido, seremos obrigados a esperar pelo menos o tempo suficiente para desenvolver a consciência política, ideológica e de classe de todo o povo.

«A-A» — Nesse período transitório quais as relações que existirão entre o Partido, o MPLA e o Estado?

L-L — O Partido controlará o Estado como faz hoje o MPLA, que funciona exactamente como um partido que controla um Estado. É por assim dizer uma ditadura do proletariado, mas do povo, se

quiserem, imposta p MPLA.

Desde que exista o Partido capaz de controlar o Estado, o MPLA passará para segundo plano, desempenhando um papel de apoio. É verdade, pois, efectivamente um período de transição onde o Partido e o MPLA co-existirão. O Partido não será verdadeiramente um partido de quadros, mas um partido de muitos conscientes.

Definitivamente é muito difícil prever exactamente como tudo isso passará. Esse será o processo de luta. Nós estamos em luta e isso facilita as coisas porque, durante o período de luta, há sempre uma certa instabilidade, uma certa hesitação que torna mais cómoda a adaptação. Esta adaptação, pouco a pouco, conduzirá o Partido.

«A-A» — 90% dos patrões fugiram de Angola, o que quer dizer, quase totalidade da classe que detinha os meios de produção. Pode-se ainda nessas condições, falar de luta de classes?

L-L — Mesmo que 90% das forças políticas que detinham o poder económico fugiu de Angola, não se nega que existirá sempre uma luta de classes. A princípio, com efeito, era circunscrita entre os colonos e todas as outras camadas reunidas numa frente contra a burguesia colonial. Essa burguesia colonial uma vez ida — e que pode ter ficado na mão — dispõe mais de poder — esta luta de classes não continua mais entre os angolanos. É evidente que existe aqui uma pequena burguesia — não uma burguesia nacional como em certos países africanos — o que significa uma burguesia possuindo de maneira significativa meios de produção — uma burguesia burocrática que aproveita os privilégios adquiridos durante a situação anterior, a situação colonial. É o facto de pessoas possuindo formação técnica telectual e que controlam um certo número de coisas.

Quando o MPLA se instalou, eles aproveitaram para se apoderarem imediatamente de um número de privilégios



A criação do Partido será o resultado de uma decisão dos militantes